



Participação cívica e política dos jovens europeus: Alienação ou tempos de mudança?

Ana Bela Ribeiro

Centro de Investigação e Intervenção Educativas/ CIIE
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
anablribeiro@gmail.com

Isabel Menezes

Centro de Investigação e Intervenção Educativas/ CIIE
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
imenezes@fpce.up.pt

Partindo de vários estudos feitos ao longo das últimas décadas (Theiss-Morse & Hibbing, 2005; Verba et al., 2002; Putnam, 2000; Russel, 2004; Menezes, 2007; Fahmy, 2006; Braga da Cruz, 1995; Amadeo et al., 2002) que nos dão conta de uma suposta apatia dos jovens acerca das questões de participação, tentamos, numa primeira análise, perceber os hábitos de participação cívica e política dos jovens europeus com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos, em quatro países (Portugal, Inglaterra, Suécia e Polónia). Fizemos, assim, uma análise secundária utilizando a base de dados do European Social Survey (ESS) entre 2002 e 2010. Os resultados sugerem diversas variações entre os diferentes países e ao longo dos anos de análise, ao mesmo tempo que revelam que os jovens têm uma postura interventiva e de participação. As oscilações não acontecem da mesma forma nos diferentes países, havendo momentos que possivelmente correspondem a acontecimentos específicos que tenham ocorrido em cada país. As instituições europeias são ainda aquelas em que os jovens mais confiam, em detrimento das instituições nacionais. No geral, a Suécia destaca-se dos restantes países, sendo o país que revela maiores índices de satisfação, confiança nas instituições e de participação.

Palavras-chave: participação cívica e política, jovens, Europa

Introdução

Nas últimas décadas têm surgido vários debates acerca de uma aparente apatia dos jovens relativamente às questões de envolvimento e participação cívica e política, não só em Portugal como um pouco por toda a Europa. Pais (2005) afirma que a juventude europeia está descontente com as formas tradicionais de participação política e com a impessoalidade das formas de cidadania praticadas. No geral, os dados indicam-nos que a população demonstra falta de confiança nas instituições (especialmente as nacionais), o que acaba por se traduzir em absentismo eleitoral. Contudo, um estudo de Magalhães e Moral (2008) revela-nos que embora os jovens portugueses demonstrem fracos índices de participação na sociedade civil, estes são mais ativos relativamente aos adultos. Será então que os jovens europeus estão completamente alheados das questões cívicas e políticas?

A participação cívica e política de jovens europeus

Nas questões relacionadas com a participação cívica e política, vários estudos (Theiss-Morse e Hibbing, 2005; Verba, Scholzman e Brady, 2002; Putnam, 2000; Russel, 2004; Menezes, 2007; Fahmy, 2006; Braga da Cruz, 1995; Amadeo, Torney-Purta, Lehman, Husfeldt e Nikolova, 2002) demonstram, nas últimas décadas, uma falta de envolvimento, interesse e participação na sociedade por parte dos jovens. Alguns autores (Sullivan and Transue, 1999) defendem que as democracias são sustentadas pela participação cívica e política dos cidadãos e pela aceitação da diversidade. Para Flanagan e Sherrod (1998), a participação política é a base de uma sociedade democrática, tornando-se impossível de sustentar se os seus cidadãos não forem livres de participar no sistema de governação (Verba et al, 2002). Voz e igualdade são para Verba et al (2002) centrais na participação democrática. Contudo, tanto em democracias consolidadas, como em novas democracias, como ainda em países que caminham na direção da democracia, reconhece-se que a democracia é um sistema frágil e que este depende fortemente do envolvimento ativo dos cidadãos (Osler & Starkey, 2006), sendo que o voto em eleições não é suficiente. Um bom cidadão torna-se num cidadão ativo, segundo Kallioniemi, Zaleskiene, Lalor e Misiejuk (2010), quando sente a necessidade de tentar mudar coisas, de fazer a diferença, sozinho ou em conjunto com outros. Para Benhabib (1999), a cidadania acontece através da participação. Ora, há autores que defendem que a participação e o envolvimento em questões cívicas e políticas dos jovens são preditores de conhecimento político, interesse e envolvimento na idade adulta (Azevedo e Menezes, 2008).

Posto isto, e contrariando um pouco as acusações de apatia e falta de interesse e participação que vão sendo feitas aos jovens, não podemos deixar de referir um estudo português cujas conclusões indicam que, muito embora os jovens portugueses demonstrem índices baixos de participação e envolvimento, estes são mais elevados quando comparados com os dos adultos (Magalhães e Sanz Moral, 2008). De acordo com Menezes (2007) estamos efetivamente perante uma crise participatória, no duplo (e contraditório) sentido em que a participação está, ao mesmo tempo, em falência e em expansão. Os jovens não estão satisfeitos com as formas tradicionais de participação e de política, procurando novas formas, que sejam mais dinâmicas e de acordo com os modos de vida atuais, como é o exemplo das formas de participação através da Internet.

Metodologia

De forma a tentar entender se os jovens europeus estão efetivamente interessados no envolvimento e participação na sociedade civil, fizemos uma análise secundária dos dados do European Social Survey (ESS), entre 2002 e 2010, nas idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos, em quatro países: Portugal, Inglaterra, Suécia e Polónia. O foco fundamental foi o de tentar perceber as variações que foram acontecendo neste período de tempo.

O ESS é uma base de dados europeia, que parte de um inquérito conduzido por académicos e que pretende mapear diversas valências das populações europeias. Esta base de dados está disponível na Internet e são recolhidos dados de dois em dois anos, desde 2002, estando até ao presente disponíveis cinco fases (2002-2010).

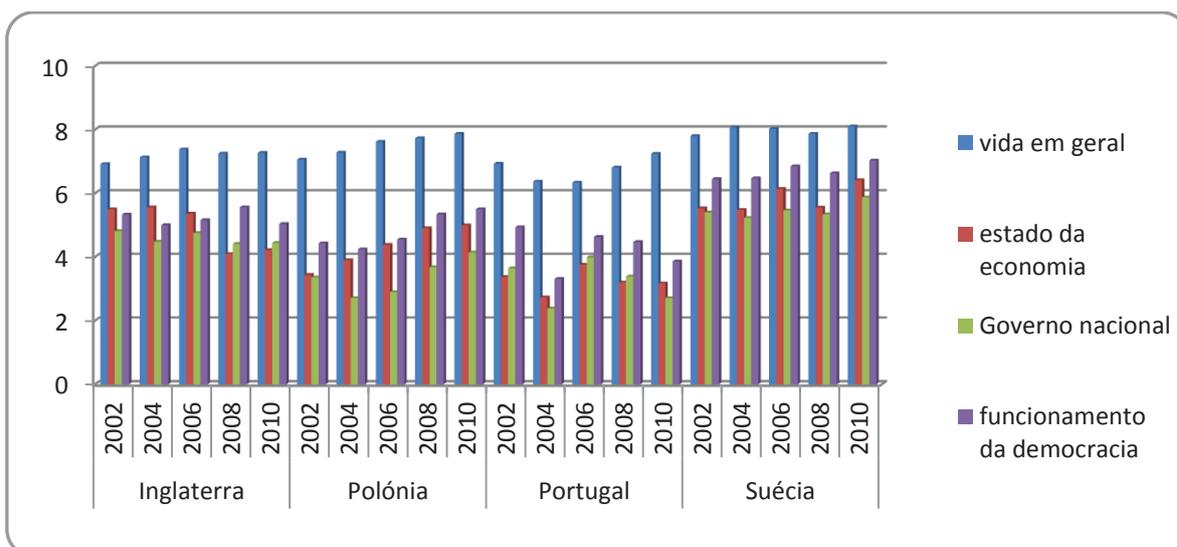


Resultados

Os resultados sugerem diferenças notórias entre os países e diversas oscilações ao longo do tempo. Como podemos ver no gráfico 1, a Suécia regista os níveis médios mais elevados de satisfação. No geral, o governo nacional regista os índices mais baixos e a vida em geral os mais altos. Embora se notem algumas oscilações ao longo do tempo, elas não acontecem da mesma forma nos diferentes países, especialmente nos casos de Portugal e da Polónia. A Suécia revela ser o país mais satisfeito com a democracia, enquanto Portugal é o menos satisfeito.

No caso particular de Portugal, os jovens portugueses revelam estar satisfeitos com a vida em geral, relativamente satisfeitos com o funcionamento da democracia e pouco satisfeitos com o estado da economia e com o governo nacional. 2004 é o ano com os índices mais baixos de satisfação, havendo uma quebra significativa (comparativamente aos outros anos) na satisfação com o funcionamento da democracia e o governo nacional. Este foi um ano especialmente frágil a nível político em Portugal: relembramos que Durão Barroso era o então Primeiro-ministro, cargo que abandonou para assumir funções na Comissão Europeia, o que acabou por se traduzir em eleições antecipadas no início do ano seguinte.

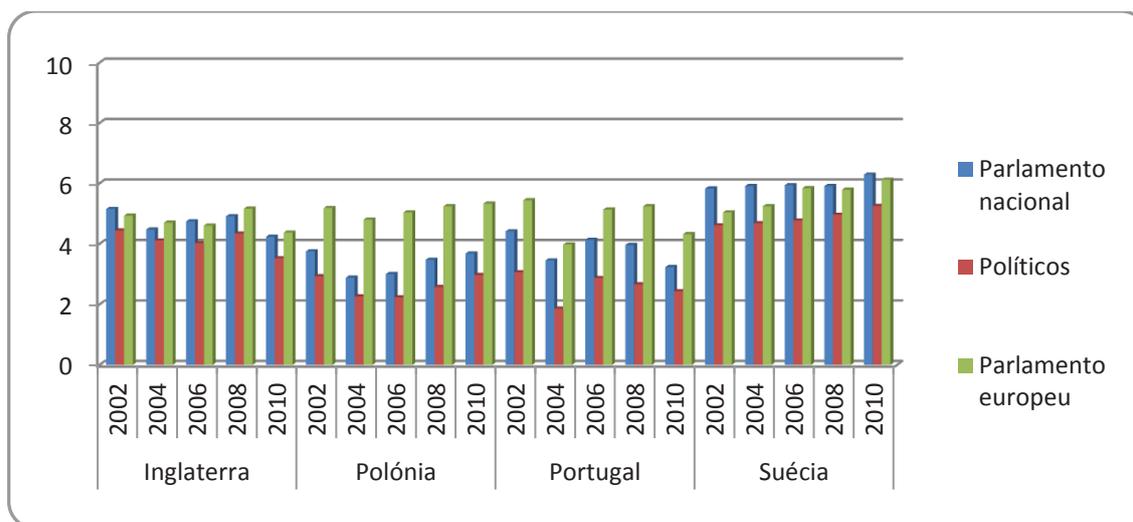
Gráfico 1 – Níveis de satisfação dos jovens entre os 15 e os 21 anos de idade



Relativamente à confiança nas instituições (gráfico 2), a Suécia destaca-se novamente, apresentando os níveis médios mais elevados. O parlamento europeu é a instituição em que os jovens dos quatro países mais confiam, embora a Inglaterra demonstre níveis de confiança muito estáveis em todas as instituições analisadas, e os políticos são os que detêm menos confiança. Podemos perceber que 2004 foi um ano de fraca confiança nos políticos, tanto em Portugal como na Polónia. No caso específico de Portugal, as instituições europeias são aquelas em que os jovens portugueses mais confiam, em detrimento das nacionais, e os políticos são aqueles em que menos confiam.

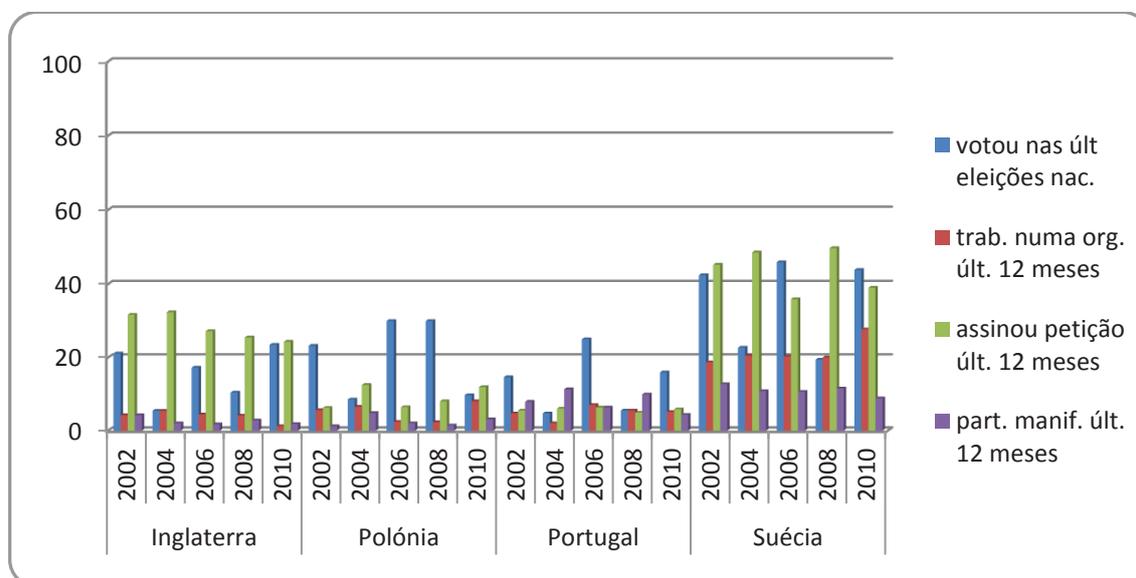


Gráfico 2 – Níveis de confiança nas Instituições, dos jovens entre os 15 e os 21 anos de idade



No que diz respeito às questões de participação (gráfico 3), o voto é, nos quatro países, a sua expressão mais evidente, embora tenhamos que ter em atenção que a idade mínima de voto são os 18 anos. Os jovens demonstram índices estáveis de participação, não havendo grandes diferenças entre países, nem grandes oscilações ao longo do tempo. A exceção é, mais uma vez, a Suécia, que regista os níveis mais elevados de participação, destacando-se largamente dos outros três países. Em Portugal, 2004 assume novamente alguma evidência como o ano com índices mais baixos de participação. A forma de participação mais escolhida pelos jovens portugueses é a participação em manifestações.

Gráfico 3 – Níveis de participação dos jovens entre os 15 e os 21 anos de idade



No geral, os jovens europeus, nos quatro países analisados, entre os 15 e os 21 anos de idade, demonstram uma postura interventiva e de participação. Embora revelem ainda índices baixos de participação, conseguimos perceber um maior interesse dos jovens pelas formas de participação emergentes, como é o caso da participação em manifestações. Consideramos ainda, que os resultados que foram recolhidos em 2012 (e que não foram



ainda publicados), poderão demonstrar uma participação e envolvimento ainda maiores, especialmente em Portugal, dados os acontecimentos sociais que têm ocorrido. cremos que com o surgimento de novas plataformas e meios de participação, a tendência seja no sentido de um aumento do envolvimento dos jovens em questões cívicas e políticas. Desta forma, não acreditamos que os jovens estejam alienados ou desinteressados destas questões, mas que procuram novas formas e meios para participar.

Conclusão

Os jovens europeus revelam uma postura participativa e interventiva, mostrando índices médios de participação bastante estáveis ao longo do tempo, nos quatro países analisados. Os níveis de confiança mais elevados recaem sobre as instituições europeias, em detrimento das nacionais, e os políticos são aqueles em que os jovens têm menos confiança. De uma forma geral, estão satisfeitos com a sua vida, mas sentem-se grandes oscilações ao longo do tempo relativamente aos outros itens, talvez por força de acontecimentos que marcaram os diferentes anos da análise.

A Suécia destaca-se, no sentido que este é o país em que os jovens entre os 15 e os 21 anos mais participam cívica e politicamente na sociedade civil, ao mesmo tempo que revelam maior confiança nas instituições e maior satisfação com a democracia e o Governo nacional.

Paralelamente aos discursos de falta de participação dos jovens, e como reação a estes, foram surgindo por toda a Europa reformas educativas centradas na Educação para a Cidadania. Contudo, e de acordo com o que nos revelam os dados, os jovens não demonstram estar desligados da sociedade civil nem alheados das questões de participação.

Referências bibliográficas

Amadeo, Jo-Ann; Torney-Purta, Judith; Lehman, Rainer; Husfeldt, Vera & Nikolova, Roumiana (2002). *Civic knowledge and engagement. An IEA study for upper secondary students in sixteen countries*. Amesterdão: IEA

Azevedo, Cristina N. & Menezes, Isabel (2008). Transition to democracy and citizenship education in Portugal: Changes and continuities in the curricula and in adolescents' opportunities of participation. *Journal of Social Sciences Education*, 9(1), 131-148.

Benhabib, Seyla (1999) Citizens, residents and aliens in a changing world: Political membership in the global era. *Social Research*, 22, 1-24.

Braga da Cruz, Manuel (1995). *Instituições políticas e processos sociais*. Venda Nova: Bertrand Editora

European Social Survey [ESS] (2002). *Round 1: European Social Survey Round 1 Data*. Data file edition 6.3. Norwegian Social Science Data Services, Norway. Data Archive and distributor of ESS data.

ESS Round 2: *European Social Survey Round 2 Data* (2004). Data file edition 3.3. Norwegian Social Science Data Services, Norway – Data Archive and distributor of ESS data.



ESS Round 3: *European Social Survey Round 3 Data* (2006). Data file edition 3.4. Norwegian Social Science Data Services, Norway – Data Archive and distributor of ESS data.

ESS Round 4: *European Social Survey Round 4 Data* (2008). Data file edition 4.1. Norwegian Social Science Data Services, Norway – Data Archive and distributor of ESS data.

ESS Round 5: *European Social Survey Round 5 Data* (2010). Data file edition 3.0. Norwegian Social Science Data Services, Norway – Data Archive and distributor of ESS data.

Fahmy, Eldin (2006). *Young citizens: Young people's involvement in politics and decision making*. Hampshire: Ashgate

Flanagan, Constance & Sherrod, Lonnie R. (1998). Youth political development: An Introduction. *Journal of Social Issues*, 54(3), 447-465.

Kallioniemi, Arto; Zaleskiene, Irena; Lalor, John & Misiejuk, Dorota (2010). Towards active citizenship: Cooperation between universities and NGO in developing curriculum. *Socialinis Ugdyimas*, 12(23), 5-20.

Machado Pais, José (2005). Jovens e cidadania. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, 53-70.

Magalhães, Pedro & Sanz Moral, Jesus (2008). *Os jovens e a política*. Centro de Sondagens e Estudos de Opinião da Universidade Católica Portuguesa. Disponível em http://www.presidencia.pt/archive/doc/Os_jovens_e_a_politica.pdf.

Menezes, Isabel (2007) *Intervenção comunitária: Uma perspectiva psicológica*. Porto: Livpsic.

Osler, Audrey & Starkey, Hugh (2006). Education for democratic citizenship: A review of research, policy and practice 1995-2005. *Research Papers in Education*, 24, 433-466.

Putnam, Robert D. (2000) *Bowling alone: The collapse and revival of American community*. New York: Simon & Schuster.

Russel, Andrew (2004). The truth about youth? Media portrayals of young people and politics in Britain. *Journal of Public Affairs*, 4(4), 347-354.

Sullivan, John L. and Transue, John (1999). The psychological underpinnings of democracy: A selective review of research on political tolerance, interpersonal trust and social capital. *Annual Review of Psychology*, 50, 625-650.

Theiss-Morse, Elizabeth & Hibbing, John R. (2005). Citizenship and civic engagement. *Annual Review of Political Science*, 8, 227-249

Verba, Sidney; Scholzman, Kay Lehman & Brady, Henry E. (2002) *Voice and equality: Civic voluntarism in American politics*. Harvard: University Press.

